

A LINGUAGEM NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E EFETIVAÇÃO DA ATIVIDADE DE ESTUDO

Moisés José Souza¹
Dagoberto Buim Arena²

Resumo: A Filosofia da Linguagem, sob a ótica de Volóchinov (2013, 2017) e Bakhtin (2016, 1997), postula que a linguagem não apenas é uma instância que constrói o que é o ser humano, a partir das interações sociais estabelecidas por este com o outro, como também ela se constrói por essa mesma dinâmica de usos que os falantes e escreventes fazem dela. Leontiev e seus seguidores aventaram a atividade de estudo, processo pelo qual se ampara na construção de aprendizagem e desenvolvimento a partir de conhecimentos histórico-culturalmente construídos. Este texto tem a finalidade de discutir o papel da linguagem no desenvolvimento da atividade de estudo e constrói-se por meio de revisão de literatura a partir das contribuições de Volóchinov, para a discussão sobre a linguagem, e de Vigotski, Leontiev, Davydov, sobretudo, para a atividade de estudo. Em tese, a conclusão a que se chega é que a atividade de estudo e linguagem são indissociáveis na medida em que esta é condição *sine qua non* para a construção e efetivação do conhecimento teórico do objeto/evento no âmbito educacional.

Palavras-chave: Linguagem; Atividade de Estudo; Desenvolvimento.

Language in the construction process and effectiveness of the study activity

Abstract: The Philosophy of Language, from the perspective of Volóchinov (2013, 2017) and Bakhtin (2016, 1997), postulates that language is not only an instance that builds what the human being is, from the social interactions established by him with the other, as well as it is built by the same dynamic of uses that speakers and writers make of it. Leontiev and his followers advanced the study activity, a process by which it relies on the construction of learning and development based on historically and culturally constructed knowledge. This text aims to discuss the role of language in the development of the study activity and is constructed through a literature review based on the contributions of Volóchinov, for the discussion of language, and Vigotski, Leontiev, Davydov, above all, for the study activity. In theory, the conclusion reached is that the study and language activity are inseparable inasmuch as this is a *sine qua non* condition for the construction and realization of the theoretical knowledge of the object / event in the educational scope.

Keywords: Language; Study Activity; Development.

¹ Universidade Federal de Rondônia (moisesjoserosouza@hotmail.com)

² Universidade Estadual Paulista (dagobertobuim@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a linguagem e seu papel em todos os empreendimentos humanos, sobretudo pelos agentes educacionais (profissionais da educação, pesquisadores, pensadores) é atividade vital. Se a escola intenta levar o indivíduo à apreensão e à construção de conhecimentos historicamente construídos, não pode prescindir da linguagem, entendida como instância social, para cumprir seus objetivos educacionais porque ela (a linguagem), a um só tempo, implica a constituição do indivíduo como ser humano, porque opera no processo de humanização, de constituição de sua consciência única e singular, como também na construção e consolidação da vida em sociedade, por meio das relações e interações estabelecidas entre os sujeitos.

A linguagem de que falamos advém da concepção da filosofia da linguagem³ e se caracteriza como aquela que está presente em todas as ações humanas, “A língua, a palavra são quase tudo na vida humana” (BAKHTIN, 2016, p. 93). É entendida como social por ser uma manifestação humana na vida em sociedade. Equivale dizer que

A linguagem é uma variedade do comportamento humano. Esse, por sua vez, é um fato psicológico (biológico) enquanto manifestação do organismo humano, e um fato sociológico, já que depende da vida coletiva desse organismo em sua interação com os outros (JAKUBINSKI, 2015, p. 50).

Não é possível, portanto, pensar o homem, tal como se encontra hoje, e tudo o que há produzido como conhecimento na história à margem da ação direta da linguagem, tanto na constituição desse mesmo homem como na construção do que ele foi capaz de realizar tempo afora. Nesta linha de raciocínio, ela se impõe como força centrífuga que condiciona o transcorrer da vida. Sem essa força motriz que opera no seio da linguagem, que constitui e conduz o indivíduo à frente, que o direciona, que lhe possibilita viver em sociedade, não haveria evolução, tampouco desenvolvimento.

Neste artigo, discutimos o papel da linguagem no processo de construção e realização da atividade de estudo, desenvolvida por Davidov (1988,1999) e seus

³Campo de pesquisa da filosofia em que não somente é analisada a inter-relação do pensamento e linguagem, mas se evidencia o papel constitutivo da linguagem, da palavra e da fala às diferentes formas de discurso, à cognição e às estruturas da consciência e do conhecimento (GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório de Marxismo e Filosofia da linguagem, editora 34, p. 12, 2017). Essa discussão filosófica permite realizar uma análise mais ampla dos fundamentos da natureza, dos usos e objetivos da linguagem.

seguidores, a qual se assenta na Teoria Histórico-Cultural, principiada por Vigotsky (2001). É propósito não apenas apresentar e discutir a linguagem, sob a ótica da filosofia da linguagem, mas o de relacioná-la com o processo da atividade de estudo e discutir a relação existente entre elas para a consolidação do conhecimento teórico imprescindível para uma formação desenvolvimental que transforma objetivamente o indivíduo e, de fato, o humanize e o torne autônomo, a partir da apropriação do conhecimento cultural e histórico construído.

Buscar esse tipo de formação, cujo ensino seja condicionante para a apropriação do conhecimento teórico do objeto ou evento, deve ser pauta constante nas instituições de ensino que objetivam um desenvolvimento integral, *omnialetra*⁴, do indivíduo. Esse propósito encontra ressonância no que escreveu Vigotsky (2001, p. 114) ao afirmar que “o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento.”

Enfim, este texto discute tanto a linguagem, a atividade de estudo, como também a relação desta na construção e efetivação daquela. Em outras palavras, discute o papel da linguagem no processo de construção de significação na constituição do conhecimento teórico, objetivo primeiro da atividade de estudo.

Inicialmente há exposição e discussão da linguagem segundo a concepção da filosofia da linguagem, com destaque ao signo e à sua significação, ao enunciado e ao dialogismo presentes na concretização da língua pelos indivíduos nas interações linguísticas e sociais cotidianas. Depois, na segunda seção, ao apresentar a atividade de estudo, defende a relação existente entre elas (linguagem e atividade), bem como a função que a linguagem, como instância social, desempenha para a consecução da atividade de estudo na dimensão educacional.

⁴Conceito formulado por Marx e corresponde à concepção “de que o ser humano deve ser integralmente desenvolvido em suas potencialidades, através de um processo educacional que leve em consideração a formação científica, a política e a estética, com vistas à libertação das pessoas, seja da ignomínia da pobreza, seja da estupidez da dominação” (ROMÃO, 2010, p. 1).

A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

O conceito de linguagem e sua efetivação como enunciado

A linguagem é, por assim dizer, uma matéria criada pela necessidade e ação humanas e, ao mesmo tempo, condicionante para a constituição e desenvolvimento do homem. Volóchinov (2013), ao discutir a origem da linguagem, relata que ela não surgiu por uma ação sobrenatural, tampouco foi inventada conscientemente pelos homens de eras remotas. A linguagem é resultado portanto, das necessidades e ações humanas, “Nascida no processo de luta obstinada do homem contra a natureza, luta em que o homem estava armado somente com as mãos fortes e instrumentos de pedra toscamente trabalhadas” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 136), por isso,

[...] a linguagem não é um dom divino nem um presente da natureza. É o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou (VOLÓCHINOV, 2013, p. 141).

No bojo da filosofia da linguagem, *a linguagem é tomada como de natureza humana, histórica, social e que, a um só tempo, promove e expressa cultura*. Volóchinov (2013, p. 141) afirma que ela “É o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou”.

Essa linguagem que é resultado das necessidades e ações humanas, também entendida com a língua de uma comunidade linguística, manifesta-se ou concretiza-se na dimensão individual e coletiva por meio de enunciados construídos pelos sujeitos falantes ou escreventes na dinâmica efetiva e ininterrupta dos usos da linguagem na comunicação humana.

A língua não existe por si só, mas somente combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real (VOLÓCHINOV, 2017, p. 262).

Diferentemente da noção estruturalista, que concebe a língua distante da atividade “real” dos falantes “concretos” (SERIOT, 2015), e tomada como sistema de formas normativas e idênticas, a filosofia da linguagem a concebe como

atividade social presente na vida material como enunciados criados pelos sujeitos que a utilizam na comunicação social. “Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKTHIN, 2016, p. 16-17).

Nesta mesma direção, Ponzio (2016) explica-nos que o enunciado é uma expressão concreta da linguagem e não pode ser confundido com frases isoladas. Diz que sua forma e sua significação são determinados pelo processo de interação social. O enunciado é, portanto, considerado no ato expressivo da língua como uma categoria superior, “à qual é reduzido o ato linguístico, isto é, o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 202).

Como se nota, a linguagem é resultado social, logo opera no sentido de expandir e expressar conhecimentos vários construídos tempo afora. Ao possibilitar ao indivíduo apropriar-se do que fora construído como conhecimento, ela atua para a formação da consciência do indivíduo, que se arquiteta nas interações sociais: “A consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97). Em outras palavras, é fato que a consciência somente se forma e, conseqüentemente, se manifesta por meio da linguagem e não o contrário, como explica Sobral (2017, p. 107) “As situações vividas chegam à consciência individual por meio da linguagem, no âmbito do processo de interiorização do signo ideológico”.

O signo possui uma significação, e se não contiver nele uma massa significativa, não pode ser considerado signo, pois “A significação é a função do signo e por isso é impossível imaginar uma significação (que representa uma pura relação, uma função) que exista fora do signo, como um objeto isolado e autônomo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 119). Se a consciência, aqui expressa, passa a existir a partir dos signos, os quais possuem significações, é necessário, portanto, refletir sobre o processo de constituição dessas significações. Compreender como se constitui a consciência linguística do indivíduo, a partir da significação sgnica é crucial para a discussão quanto à organização e à efetivação da atividade de estudo, o objetivo principal deste trabalho. Adiante retornaremos a este assunto.

O signo (e sua significação sgnica) e a constituição da consciência

Na ótica da filosofia da linguagem, o signo é apresentado como ideológico. Todo signo é ideológico, em outras palavras, não há ideologia onde não há

significação snica (VOLÓCHINOV, 2017). Pode ser tanto interior como exterior ao indivíduo. Aqui, trataremos do signo que resulta do processo de interação entre indivíduos socialmente organizados, considerando que “O signo é um fenômeno do mundo externo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94).

O signo, portanto,  construído no contexto exterior e se insere na realidade, ora representando ora refratando-a. Situa-se, às vezes, como a própria realidade concreta, representando uma ideia, um evento, um grupo, enfim, uma ideologia. Dito de outro modo, o signo resulta dos usos empreendidos na comunicação social e carrega consigo uma carga snica; ou seja, existe signo toda vez que existe significado real, lógico e útil para um falante ou grupos de falantes da língua.

A existência e o valor de um signo é resultado da materialização e efetividade da comunicação na e pela sociedade.

[...] um signo se opõe a outro signo e que a própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material snico. Porque a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. [...] o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95).

Como se nota, o valor de um signo, ou seja, sua própria existência condiciona-se  sua significação. Volóchinov (2017) afirma que ela pertence ao material ou fenômeno snico, pois “a significação sem o signo é uma ficção” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 119).

Desse modo, não  possível separar signo e significação. Esta é dependente daquele e a própria substância para que ele exista. Sem o material snico, ou seja, a matéria significativa, signo é apenas objeto material. Não se pode, portanto, afirmar que há signo sem sua significação “O signo é um único objeto material, mas a significação não é um objeto e não pode ser isolada do signo, como se fosse uma realidade independente e existente fora dele” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 119 e 120).

Quando nos referimos  consciência, individual ou coletiva, na filosofia da linguagem, trata-se da consciência lingstica do signo verbal (PONZIO, 2016); ou seja, da consciência que se tem da natureza do signo verbal, do que ele comporta e do que representa para a efetivação da língua, sobretudo no tocante à significação, na comunicação social.

A consciência linguística é indissociável das práticas significantes, dos modos segundo os quais se orienta e se organiza a comunicação social; e o caráter e o valor do signo verbal, a sua natureza, se decidem nas próprias práticas significantes (PONZIO, 2016, p. 82).

A consciência do sujeito, então, se forma a partir da relação que estabelece com os outros por meio da linguagem. À medida que se relaciona com outros indivíduos pertencentes à mesma comunidade linguística desenvolve mais sua condição de homem. Isso não quer dizer que desenvolve plenamente valores e virtudes humanas. A linguagem, por ser cultural e social, por meio dela o indivíduo se relaciona, interage, cria discursos e é atingido por outros, ou seja, na relação intermediada pela linguagem é que sua consciência se forma e se torna única e singular.

Faz-se necessário esclarecer que, no contexto da filosofia da linguagem, a consciência linguística do indivíduo não é aquela que se constitui e atua a partir de um sistema abstrato de formas normativas e idênticas, como preconiza o objetivismo abstrato. A consciência linguística de que falamos é a que advém da compreensão da linguagem e dos seus múltiplos usos na comunicação social (BAKHTIN, 2016).

No contexto sociológico, conforme Volóchinov (2017), a consciência linguística é resultado dos fatos sociais, da interação coletiva e, portanto, ideológica. Em contraponto ao idealismo abstrato e ao positivismo psicológico, a consciência não resulta da natureza, mas da relação e comunicação social a partir da linguagem sónica, ou seja, dos usos que o sujeito faz da língua nas interações humanas.

A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sónica de uma coletividade (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97,98).

É dessa dinâmica social mediada pela linguagem que resulta a consciência individual do homem.

Por fim, a linguagem (a língua), na dimensão da filosofia da linguagem é, como já dito, social, dinâmica, e se realiza por meio de enunciados socialmente constituídos nas interações e relações na comunicação humana. Os signos (significação sónica) exercem papel nuclear na constituição do sujeito, pois, ao se encontrar em interação constante, ou seja, em diálogo ininterrupto com os outros

pertencentes a sua comunidade linguística (SÉRIOT, 2015), sua consciência individual vai se formando.

Nessa dinâmica linguística, quando o discurso de um entra em contato com o discurso do outro, estabelece-se a interação realizada por meio de diálogos, ou seja, de atos discursivos, o que será discutido a seguir.

A interação discursiva como constituição do eu e do outro

Na efetivação da língua, o sujeito, considerado ser histórico e social, se constitui e constrói conhecimentos pela interação com os demais sujeitos, a partir de todos os possíveis atos discursivos realizados para estabelecer diálogo com o outro. Em outras palavras, esse processo dialógico que o sujeito promove com o outro possibilita a ambos não só ter contato com os conhecimentos histórico-culturalmente construídos, apreendê-los, como também expandi-los. Quando se pensa na atividade de estudo, sobretudo na busca do conhecimento científico do objeto estudado, ou seja, a essência desse objeto, essa interação de um para com o outro, pela linguagem, torna-se imprescindível. Podemos afirmar que essa importância se assenta no fato de que o conhecimento a ser apreendido, bem como aquele a ser construído têm sua gênese na relação estabelecida entre sujeitos no ato discursivo, pois “A dialogicidade é a dimensão constitutiva de qualquer ato ou palavra ou discurso, interior ou exterior, da consciência e do inconsciente” (PETRILLI, 2013, p.40).

A interação a que nos referimos é o resultado do diálogo entre vozes dos sujeitos, as quais resultam do próprio ato discursivo. “O diálogo é diálogo entre vozes – vozes não monológicas e íntegras, mas inteiramente dialógicas e divididas” (PETRILLI, 2013, p. 54). É a que ocorre entre dois ou mais indivíduos socialmente organizados (VOLÓCHINOV, 2017), cuja palavra alcança tanto quem a enuncia como aquele que a recebe. Equivale afirmar que essa interação

[...] é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu e o outro (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

Ousamos afirmar que essa palavra está presente em todo o momento da vida social do homem, seja para compreender, seja para expressar-se no mundo, que é

o processo próprio da interação pela linguagem, porque “A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101).

Esse processo de trocas, patrocinado pela palavra e pela sua onipresença social, não só contribui para humanizar, tornar o indivíduo partícipe ativo da dinâmica social, como também para apreender cientificamente o objeto sobre o qual a interlocução estabelece. Neste sentido, a palavra (linguagem), tal como apresentada, opera substancialmente para a realização da atividade de estudo.

Equivale afirmar que *a linguagem (língua, palavra, enunciado), concebida como humana e social, vai se constituindo, atua dando forma humana ao homem (sua consciência, sua personalidade), na relação com o outro: “Somos cada um com o outro na irrecusável continuidade da história” (GERALDI, 2015, p. 85), e opera na construção e expressão de tudo o que existe no centro das relações humanas; logo, inevitavelmente, deve estar presente em todas as fases e dimensões do processo educacional.*

Isso posto, o processo educacional não pode prescindir do valor e da função desempenhada pela linguagem (signo, significação sónica, diálogo), para alcançar o conhecimento teórico, que é a essência do objeto a ser aprendido. É preciso que todo o material linguístico que os indivíduos têm à disposição para compreender o mundo, expressar-se neste mundo e interagir com os que com ele têm contato, seja oportunizado e trabalhado pela escola de maneira ampla. Se a linguagem é produto das ações e relações cotidianas, promovidas pelas seres humanos, como assevera Volóchinov (2017), a concretização de todas as atividades desenvolvidas no âmbito educacional, bem como o êxito delas, está condicionada a seu uso efetivo.

Na próxima seção, apresentamos a atividade de estudo e defendê-la-emos como base para uma educação desenvolvente, cujo ensino, de fato, seja transformador para o indivíduo. Discutimos o papel da linguagem tanto na organização como na efetivação dessa mesma atividade. Se a atividade de estudo...] concorre “para o desenvolvimento ou aperfeiçoamento da consciência e da personalidade do aluno”, se ela “cria e desenvolve propositalmente nos alunos as bases da consciência e do pensamento teórico, favorece o desenvolvimento de sua personalidade” (DAVIDOV, 1999, p. 5), é possível afirmar que a linguagem tem primazia nesse processo.

ATIVIDADE DE ESTUDO E O PAPEL DA LINGUAGEM EM SUA CONSTITUIÇÃO E EFETIVAÇÃO

Não há dúvida de que muitos que discutem, promovem ou pesquisam educação, seja em contexto macro, de políticas públicas educacionais, seja na dimensão de suas particularidades, no âmbito escolar ou da sala de aula, um dia, mesmo que abstratamente, já pensaram ou pensam em encontrar soluções que demovam todos os empecilhos e contradições a ela inerentes ou impostos.

Embora não acreditemos num processo educacional sem contradições (já que o conhecimento se dá a partir de paradoxos), às vezes somos levados a uma crença ingênua segundo a qual a educação é vista como se ela estivesse ao fim de um ciclo espaço-temporal a esperar para, assim, promover a redenção dos que a buscam. Mesmo que não seja esse o melhor caminho para conceber educação, é necessário que haja um pouco de sonho; um pouco de utopia que atenuie as adversidades pelas quais passa a educação.

Sem expectativas ingênuas e distantes de posturas reprodutivistas e benevolentes, é preciso, sim, pensar uma educação que conceda ao indivíduo apropriar-se, de modo amplo, do cabedal de conhecimentos cultural, social e cientificamente construídos na história, do geral ao particular; ou seja, da totalidade e não pelas partes para se chegar ao todo.

Habitados à higiene da racionalidade, ao inescapável método de pensar as partes para nos aproximarmos de respostas provisórias que, articulados um dia – sempre posto em suspenso e remetido às calendas gregas – possam dar do todo uma visão coerente e uniforme, temos caminhado e nos fixado nas partes, nas passagens, mantendo sempre no horizonte esta suposição de que o todo será um dia compreendido (GERALDI, 2015, p. 30).

A teoria da atividade de estudo sinaliza como possibilidade real à superação, tanto práticas ingênuas como o processo de ensino pautado nas partes em busca de um todo que nunca é atingido. Propõe um ensino que tem por base a transformação do objeto, a partir do conhecimento teórico de seu conteúdo material, com o propósito de compreender “o conteúdo de seu produto final” e “o princípio criativo ou transformador” (DAVIDOV, 1999, p. 1).

Cumpre-nos destacar que a atividade sobre a qual tratamos neste texto não pode ser confundida com tarefas ou ações corriqueiras do dia a dia, tampouco com as atividades operacionais realizadas para obtenção de resultados imediatos. A atividade não são as “tarefas que o professor não raramente coloca perante os alunos na aula: resolver um dado exemplo, recontar um dado texto” (DAVIDOV, 1999, p. 3), mas é aquela que se sustenta sob o prisma de atender a uma necessidade, a um motivo, cujo resultado é, como nos ensina El'konin (2003), mudar o indivíduo e não o objeto com o qual opera.

Na atividade de estudo [...] tanto o objetivo como o resultado não são um produto externo, mas uma mudança dentro de si mesmo como sujeito da atividade. Em outras palavras, a atividade de estudo deve ser entendida como atividade para a auto-transformação do sujeito (REPKIN, 2003, p. 15).

Em outras palavras, a atividade de estudo se arquiteta sob a égide de levar ao indivíduo condições para poder agir sobre a natureza, transformando-a e transformando-se a si mesmo. Assim, atividade consiste em compreender a importância do que deve ser realizado, imbuir-se, envolver-se e mudar a partir da execução. A atividade precisa responder a uma necessidade (MELLO, 2004).

Ainda sobre a atividade de estudo,

Ela determina o surgimento das principais formações psicológicas básicas de uma faixa etária, define o desenvolvimento mental geral das crianças em idade escolar e, também, o desenvolvimento de sua personalidade (DAVYDOV, 1988, p. 159).

A atividade de estudo aqui referida defende a formação do sujeito a partir de um complexo processo que envolve apropriação da cultura pelas novas gerações, socialmente mediado, em que os sujeitos sejam agentes constituintes e ativos da cultura produzida. Por sua finalidade, opera para construir no indivíduo o pensamento dialético, reflexivo, sobre a realidade e o objeto de estudo, por isso colabora para a constituição e desenvolvimento da consciência do sujeito, a qual dará base a suas ações, à compreensão da realidade material e à realidade (essência) do objeto mesmo.

Como é sabido somente a consciência e o pensamento dialéticos é que são capazes de solucionar as contradições. Por isso o que se costuma chamar de pensamento teórico é que é o pensamento dialético. A consciência teórica dirige a atenção do homem para o

entendimento de suas próprias ações cognitivas, para a análise do próprio conhecimento. Na linguagem filosófica isto é chamado de reflexão (DAVIDOV, 1999, p. 5).

Aquí, neste ponto, é evidente a relação entre a linguagem discutida na seção anterior e a realização e resultado da atividade de estudo. Para a filosofia da linguagem, pela linguagem o indivíduo constrói sua consciência individual, que lhe possibilita agir sobre a realidade social, [...] “a consciência como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.) é um fato objetivo e uma enorme força social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 212), logo, essa mesma linguagem, que é promotora da constituição da consciência, é, por certo, base para apreender a essência da realidade e do objeto estudado na atividade de estudo.

Do que foi dito acima, é possível afirmar que o próprio ato de formação da consciência pela linguagem (e esta usada para a reflexão e para a construção do pensamento dialético, singularidades imprescindíveis para a atividade de estudo) evidencia a gênese do autoconhecimento do próprio indivíduo, como sujeito que aprende, e do conhecimento teórico do objeto que intenta conhecer. Neste sentido, a linguagem é “uma entidade aberta”, responsável pela “expressão” “da experiência concreta, que é experiência da consciência plural, social, do contexto social com o qual o indivíduo único entra em relação e com o qual interage” (PETRILLI, 2013, p. 178, 179)

Cumpramos destacar (e para reforçar o que já afirmamos) que esse processo provocado pela atividade de estudo, o de buscar o conhecimento a partir da significação sgnica, do pensamento dialético, para se chegar à essência do conhecimento sobre algo, difere substancialmente da postura tradicional do processo de ensino, em que, segundo Davidov (1987), o conteúdo ensinado e os métodos utilizados denotam apenas a formação do pensamento empírico, e, neste contexto, o papel social da escola é o de transmitir conhecimentos e habilidades utilitário-empíricos que atendam ao modelo capitalista de produção.

Ao contrário da perspectiva ou prática tradicional, o ensino promovido pela atividade de estudo

[...] está orientado em uma ou outra medida para o desenvolvimento ou aperfeiçoamento da consciência e da personalidade do aluno. Uma atividade de estudo completa cria e desenvolve propositalmente nos alunos as bases da consciência e do pensamento

teórico, favorece o desenvolvimento de sua personalidade (DAVIDOV, 1999, p. 5).

A atividade de estudo, ao requerer compreensão, atitude e pensamento dialéticos dos sujeitos envolvidos, em busca do conhecimento teórico do objeto (LEONTIEV, 2004), parte de uma necessidade e motivação do indivíduo frente ao objeto a ser estudado, ampara-se no objetivo dessa atividade e cria condições, ações e operações necessárias em busca da essência do objeto que reside na totalidade, ou seja, no conhecimento teórico apreendido ou construído. Em suma, a necessidade é o que dirige e regula a atividade concreta do sujeito em relação aos objetos.

O pensamento teórico *não surge e nem se desenvolve* na vida cotidiana das pessoas, ele se desenvolve somente em uma tal instrução, cujos programas se baseiam na compreensão dialética do pensamento. É exatamente este ensino que tem o caráter desenvolvimental (desenvolvente) (DAVIDOV, 1999, p. 7).

Assim, a atividade de estudo aqui discutida é responsável pela construção do conhecimento teórico do objeto ou fenômeno

[...] estimula as crianças a assimilarem os conhecimentos teóricos; os motivos a assimilar os procedimentos de reprodução desses conhecimentos por meio das ações de estudo, orientada para a resolução de tarefas de estudo (DAVIDOV, 1988, p. 170).

A atividade de estudo, portanto, é um processo de ensino em que o conhecimento teórico se faz a partir transformação do objeto de estudo. O desenvolvimento do indivíduo advém da sua relação com o conteúdo desse objeto. Neste sentido, atividade de estudo significa transformação criativa, pelas pessoas, da realidade atual. A forma original desta transformação é o trabalho. Todos os tipos de atividade material e espiritual do homem são derivados do trabalho e carregam em si um traço principal – a transformação criativa da realidade, e ao final também do próprio homem (DAVIDOV, 1999).

Para Leontiev (2004), a aprendizagem e o desenvolvimento na atividade de estudo resultam da relação entre o indivíduo e o objeto/fenômeno em estudo, cuja ação equivale ao sujeito apropriar-se da cultura contida nesse objeto ou fenômeno, com a intervenção direta ou indireta de um mediador mais experiente. Nota-se que o processo de realização e o de efetivação da atividade de estudo, apresentada pelo psicólogo russo, dependem da relação estabelecida entre o sujeito, o objeto e

o mediador. O objeto medeia as relações entre o sujeito e outro sujeito mais experiente e essa relação torna-se possível pela linguagem. É pelo signo linguístico (que é também mediador) que o diálogo entre os sujeitos acontece. É pela apreensão da significação do objeto que o sujeito adquire o conhecimento teórico do objeto da atividade de estudo.

É a linguagem que possibilita, desde o ponto de partida, a apreensão do conhecimento teórico do objeto ou fenômeno por dois motivos básicos: o primeiro diz respeito ao objeto ser dotado de significação, logo é signo; segundo, refere-se à própria relação sujeito/objeto-mediador/outro sujeito necessária para apreender dele, objeto/fenômeno/signo, o que significa e o que passa a significar, novamente para o sujeito, ao construir o conhecimento teórico do objeto.

Para que isso ocorra, faz-se necessário haver uma relação linguístico-dialógica entre os envolvidos na atividade de estudo, visto que é o sujeito mais experiente que, direta ou indiretamente, será o mediador entre o conhecimento contido no objeto/fenômeno (o mediador é a cultura, o signo, a linguagem que está entre os sujeitos em interação) e o sujeito experiente e, assim, formular as respostas objetivadas. Nesse sentido, é salutar reconhecer que a cultura e os conhecimentos contidos no objeto/fenômeno se concretizam a partir da linguagem usada porque “Cada palavra, cada discurso, cada enunciado é sempre uma resposta, uma réplica de um diálogo explícito ou implícito” [...] (PETRILLI, 2013, p. 41).

A realidade material do objeto/fenômeno, experienciada pelo sujeito, aliada à relação deste com o mediador/outro sujeito, na atividade de estudo, torna-se possível pela relação dialética empreendida pelo sujeito sob o objeto e pela dialogicidade do sujeito com o outro sujeito mediador em relação ao objeto e o que ele significa. Neste sentido, “A dialogicidade é a dimensão constitutiva de qualquer ato ou palavra ou discurso, interior ou exterior, da consciência e do inconsciente (PETRILLI, 2013, p. 40 e 41).

Davidov (1996), ao refletir sobre o sistema de L. V. Zankov, que fundamentava habilidosamente sua prática na educação tradicional, com o cultivo do pensamento empírico dos alunos, contrapõe essa prática, ao mesmo tempo que defende a aceitação consciente do conceito de atividade de estudo, por meio do qual os alunos assimilam os conhecimentos teóricos, que se realizam sob a forma de constantes diálogos e discussões. Nota-se a relevância dada pelo pensador ao caráter dialógico do processo de desenvolvimento do indivíduo na atividade de estudo.

No início do processo, é certo que o objeto, para o sujeito, tem pouca ou nenhuma significação, mas, à medida que a atividade de estudo vai se efetivando, amparada pela necessidade e pela motivação, com suas tarefas e ações, a significação original é apreendida e outros sentidos são construídos pela articulação dialética e dialógica da linguagem. Portanto, a linguagem opera no seio do processo, dando ao sujeito subsídios necessários para a construção do conhecimento teórico, que resulta da compreensão da base do objeto/fenômeno e das singularidades desse mesmo objeto na realidade.

A reflexão acima encontra guarida no que escreveu Geraldi (2015), ao discutir a natureza da linguagem e as correlações com os processos do fazer científico:

Se consideradas as hipóteses a propósito da constituição sêmica da consciência (Bakhtin) ou das estruturas de pensamento (Vigotsky) aliadas às noções de constitutividade e de indeterminação, certamente *a construção dos objetos de ciência não se deixam reduzir para além ou para fora do mundo da linguagem* (GERALDI, 2015, p. 53) (Grifos nossos)

Sobre a importância da significação para a atividade humana, Yarochevsky (1989), referindo-se aos ensinamentos de Vigotski, afirma que os signos encarnam o sentido como elemento da cultura e que as significações são, em si, as imagens mentais da realidade. Diz que:

À medida que as significações “entram” na consciência individual por meio dos signos, que são inicialmente dados pelas relações, o processo de interação interpessoal e social apareceu, com a cultura, como uma outra variável determinante da consciência. (YAROCHEVSKY, 1989, p. 3)

No contexto da atividade de estudo, isso faz todo o sentido, uma vez que, segundo Yarochevsky (1989), a significação é uma unidade própria da consciência, ela exprime a experiência vivida da pessoa em suas relações motivadoras com o objeto/fenômeno estudado, criadas por um problema a ser solucionado.

Outra constatação da relação próxima da linguagem com a atividade de estudo, ou antes, o papel que a linguagem desempenha na efetivação da atividade de estudo, refere-se à constituição da personalidade do sujeito. Para a teoria da atividade de estudo, a personalidade do indivíduo tanto se constitui na execução da própria atividade de estudo como se manifesta nas criações que dela resultam.

Para nós, a personalidade do homem manifesta-se nas suas criações. Portanto, a formação nos alunos da necessidade de uma atividade de estudo e de sua habilidade em realizá-la dá uma contribuição para o desenvolvimento de sua personalidade (DAVIDOV, 1999, p. 3).

Esse processo de formação da personalidade do homem também é discutido na filosofia da linguagem. “A personalidade do falante, tomada por assim dizer de dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais” (BAKHTIN, 2016, p. 211). Como vimos demonstrando, as relações e inter-relações sociais resultam dos usos efetivos da linguagem pelo falante ou escrevente, portanto, é notória a relação estreita que a teoria da atividade de estudo e a filosofia da linguagem têm sobre a constituição da personalidade do indivíduo.

Entre todas as conquistas humanas, a linguagem é a que mais contribui para fazer dele um ser humano de fato. Na sua relação com o mundo, a palavra se constitui na melhor representação do potencial simbólico, capaz de fazer a sutura entre o ser, o indivíduo em particular, a sociedade e o quadro de referências que se concretiza em cada objeto, cada indagação e cada posicionamento pessoal. A linguagem garante ao homem o lugar de locutor, a constituição da consciência e a posição do sujeito que rege a própria vida e reage diante dela. Ela lhe permite considerar o “outro” como alvo da interlocução, assegurando todas as práticas discursivas e sociais. *Pela linguagem, cada um de nós consagra a essência do ser humano, em um constante vir a ser*, integrado à condição de “habitantes de um mundo”, por excelência dinâmico e complexo (COLELLO, 2012, p. 16). (Grifos nossos)

Na atividade de estudo, esse “vir a ser”, consagrado pela linguagem, que a autora expõe, representa o que está a ser compreendido teoricamente: o “vir a ser” do objeto/fenômeno, ou seja, sua significação (totalidade) que se constrói, sobre o qual debruçam os sujeitos, ou aliado ao “vir a ser” do próprio indivíduo no processo de apreensão da essência do objeto.

Outra questão partilhada tanto pela teoria da atividade de estudo, como pela concepção da filosofia da linguagem, é o fato de a constituição do ser humano não ocorrer no plano biológico, como podem pensar alguns. Ambas defendem que o indivíduo se constitui como ser histórico e social a partir da apropriação da cultura e conhecimento já produzido, dos quais, a um só tempo, recebe (constitui-se), contribui com a ampliação dos aspectos culturais e epistemológicos e os repassa às gerações vindouras. Essa dinâmica vital só é possível por meio da linguagem e dos

usos que os indivíduos fazem dela, como afirma Geraldi (2015, p.61): [...] “a linguagem é mais um modo de constituição das subjetividades do que de uma forma de expressão das representações de mundo”.

O desenvolvimento do indivíduo deixa de ser compreendido como algo natural (hereditário) e passa a ser concebido como resultante dos conhecimentos cultural, social e historicamente construídos. A ação do sujeito no mundo, pelos usos que faz da linguagem, é o que provoca mudanças que promovem desenvolvimento. Assim sendo, devemos considerar que a completa formação do sujeito resulta da atividade de estudo que, pelo processo interacional e dialético, mediado pela linguagem, promove a construção do conhecimento teórico do objeto em sua totalidade, a partir da assimilação da cultura produzida e da construção de novos conhecimentos.

Enfim, como vimos, a linguagem criada pela ação humana está, inevitavelmente, inserida em todas as atividades do homem, promovendo transformações nos sujeitos e possibilitando-lhes agir sobre a natureza. Se, na teoria da atividade de estudo, *os fatores culturais e sociais são poderosos na formação do ser do que os de ordem biológica, constata-se que a linguagem, cultural e social, também desempenha essencial papel no desenvolvimento do ser humano e contribui para a consecução de neoformações*. Volóchinov (2013, p. 139) afirma que “É evidente que se o homem tivesse levado uma experiência isolada, não só não teria tido necessidade de criar uma linguagem, como não teria criado qualquer cultura geral”.

CONCLUSÃO

Como vimos, a linguagem, na perspectiva da filosofia da linguagem, é social, cultural e dinâmica e está presente em todos os empreendimentos humanos. Sua importância reside no fato de possibilitar ao indivíduo ir se constituindo como pessoa (consciência individual) e construir cultura (conhecimentos) a partir das relações interacionais, dialógicas e significativas com o outro da mesma espécie.

Assim compreendida, essa linguagem atua no processo de apreensão e construção de conhecimentos; logo, opera e regula a atividade de estudo, que se caracteriza por promover um processo segundo o qual o sujeito intenta compreender o objeto ou fenômeno, em busca da apreensão do conteúdo em sua essência, a partir da construção do conhecimento teórico desse objeto.

Este texto propôs discutir o papel da linguagem no desenvolvimento da atividade de estudo. Desse objetivo inicial, podemos concluir que a linguagem com sua funcionalidade e abrangência atua na construção e desenvolvimento de todas as etapas da atividade citada. O caráter dialógico, sócio-significativo, aliado à função interativa e comunicacional dos mais variados enunciados produzidos pelos falantes e escreventes da língua, torna possíveis a assimilação da cultura produzida, a realização das tarefas e ações, bem como a construção do conhecimento teórico do objeto foco da atividade de estudo.

É importante destacar, nesta conclusão, que a teoria da atividade de estudo, com o apoio substancial da linguagem, trouxe ao ensino um caráter científico. A relevância disso reside no fato de ter como foco o emprego do princípio da descoberta científica na busca do conhecimento. Com isso, consegue dois feitos: primeiro nega que o processo de ensino deva acontecer somente pelas vias empíricas; segundo, torna esse processo um caminho para se buscar a totalidade do objeto, ou seja, sua essência.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (1895 – 1975). **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 1ª ed., 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth & MELO, Rosineide de. **Enunciado/enunciado concreto/enunciação**. In: BRAIT, Beth (Org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 5º ed. 4ª reimpressão, 2017.

COLELLO, Sílvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. 2ªed. Revisada – São Paulo: Summus, 2012.

DAVIDOV, V.V. **O que é a atividade de estudo**. Revista Escola Inicial, Nº 7, 1999.

DAVIDOV, V.V. **Comunicação primeira**. Revista Vestnik (boletim) da associação da educação desenvolvimental, nº 1, 1996.

EL'KONIN, D.B. *Izbrannye psikhologicheskie trudy*. Moscow, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens – estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

JAKUBINSKIJ, Lev. **Sobre a fala dialogal**; tradução Dóris de Arruda C. da Cunha, Suzana Leite Cortez – 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Ed. Horizonte Universitário, 2004.

PETRILLI, Susan. **Em outro lugar e de outro modo**. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

PONZIO, Augusto. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João, 2016.

REPKIN, V.V. *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 41, no. 4, setembro-outubro 2003.

ROMAO, J. E. **O Ensino Médio e a omnilateralidade**: Educação Profissional no século XXI. *Eccos Revista Científica (Impresso)*, v. 12, p. 27-49, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaios**. São Carlos: Pedro e João editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 1ª ed., 2017.

VYGOTSKY, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; *et al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 7. ed. São Paulo: Ícone/EDUSP, 2001, p. 103 - 117.



YAROCHEVSKY, M. G. León Vygotski: à **procura de uma nova psicologia**. *Enfance*. Presses Universitaires de France. 1989. Tomo 42, n.1-2, p.119 a 125.

Recebido em 03 de fevereiro de 2021

Aprovado em 01 de março de 2021